

VETERINARIOS BIOLOGISTAS DAS FÔRÇAS ARMADAS FRANCESAS

Trad. da Revista TAM (Terre-Air-Mer) pelo
Gen. STOESEL G. ALVES

No momento em que por força da necessidade de atualização modifica-se a organização do nosso Exército, é oportuno divulgar o exemplo francês quanto à evolução do seu serviço de Veterinária Militar.

O Veterinário Biologista não é somente o médico dos animais das Fôrças Armadas. É um clínico, um técnico e um pesquisador. Em diferentes setores avançados da ciência de hoje, está realizando pesquisas que, embora para fins militares, têm, também, interesse muito mais geral.

O MÉDICO DOS ANIMAIS

Todos conhecem o cão policial, o auxílio precioso que o pastor alemão presta cada dia na busca de crianças desaparecidas ou na perseguição de malfetores; muitos, porém, ignoram que existam, mesmo em tempo de paz, unidades de cães militares.

O canil de Carandeu, subordinado ao Centro de Instrução de Formação Veterinária de Compiègne cêrca de 150 animais, alojados em gaiolas individuais espaçosas, nas quais se pode ler nome, especialidade, ano de nascimento e número de matrícula (como todos os militares, os cães têm um número de matrícula, mas o trazem tatuado na orelha), como em suippes-sobre-o-marne e tarbes, onde os 24.º e 541.º Grupos Veterinários formam outros cães de guerra, os de Compiègne são sujeitos diariamente a um treinamento intenso, visando fazer deles auxiliares úteis de combatente.

PARA QUE SERVEM OS CAES MILITARES?

Em tempo de paz, cumprem, principalmente, missões de guarda (depósitos de munições, aeródromos, bases navais). Declara o Veterinário Biologista Capitão Coll, que dirige o Canil Militar de Carandeu. Mas êsses animais são também adestrados para executar numerosas outras missões, como as de Patrulha, levantamento de pistas, localização de minas e redução de abrigos inimigos.

Os cães são comprados de particulares ou de criadores em diferentes países da Europa, principalmente na Alemanha. O pastor alemão importado custa em média 900 francos. De numerosos pontos de vista é um animal precioso e que deve ser cuidado de modo muito particular "Nossas "Feras" devoram em média 600 gramas de carne crua por dia, 350 gramas de legumes", mas essas "feras", perigosas para os estranhos ou para os vagabundos imprudentes, são cordeiros nas mãos de seus condutores. Naturalmente, se esses condutores forem realmente condutores. A formação dos condutores de cães foi confiada a veterinários biólogos especializados; suboficiais e graduados voluntários aprendem em alguns meses a arte de comandá-los.

3.000 CÃES E 900 CAVALOS

Atualmente as Forças Armadas Francesas empregam aproximadamente 3.000 cães. Esse número era de quase 6.000 durante as operações na Argélia.

Se bem que seu número tenha decrescido consideravelmente em consequência da motorização, o Exército Francês tem ainda um efetivo de quase 900 cavalos e adquire anualmente um certo número deles, que transitam pelo CIFV de Compiègne e pelo 541.º Grupo Veterinário de Tarbes e asseguram a Remonta da guarda republicana de Paris e das Seções Hípicas Militares.

"Enquanto a profissão de mestre ferrador tende a se rarefazer e se torna difícil formar convenientemente os cavalos de sela, o CIFV de Compiègne forma e aperfeiçoa anualmente alguns especialistas competentes", declara o Veterinário Biologista Petit, oficial adjunto, encarregado da instrução.

DO MÉDICO AO SÁBIO

A compra, o adestramento e a manutenção de animais não devem fazer esquecer o aspecto principal, ou seja, o papel propriamente médico do veterinário. Todos os animais selecionados para aquisição sofrem exames médico-fisiológicos rigorosos. No CIFV, por exemplo, os tratamentos mais modernos, as intervenções cirúrgicas mais delicadas e os cuidados pós-operatórios mais atentos são, na realidade, quase quotidianos. Essas atividades correspondem a uma dupla finalidade: tratar os animais doentes ou acidentados e também — o que não é menos importante iniciar em trabalhos práticos os futuros veterinários. Essa tarefa primordial de formação de novos profissionais leva, às vezes, os veterinários militares de Compiègne a operarem animais evacuados de muito longe, particularmente quando portadores de doenças raras, das quais é necessário que os alunos tenham um conhecimento concreto.

"Médico de animais" é o conceito generalizado para o veterinário e há, freqüentemente, uma tendência em pensar que o papel do veterinário nisso se resume. É um erro. A redução dos efetivos de animais devida em grande parte à motorização quase total do Exército depois de 1945, tende mesmo a tornar esse papel relativamente secundário em relação às outras atividades do veterinário: o controle dos viveres destinados à alimentação da tropa e, sobretudo, a pesquisa biológica.

O CONTROLE DOS ALIMENTOS

São os veterinários biólogos das Forças Armadas que exercem o controle sanitário, higiênico e qualitativo dos produtos de origem animal destinados à alimentação da tropa e das forragens utilizadas pelos animais, em toda Guarnição importante um veterinário biólogo vela pela salubridade dos alimentos e verifica se a mercadoria fornecida está de acordo com as especificações do caderno de encargos. Além disso, está habilitado, em certos casos, a agir em matéria de repressão de fraudes.

A PESQUISA BIOLÓGICA

A Ciência avança rapidamente, mas seus progressos nem sempre concorrem para o bem da humanidade. Num passado ainda recente, certos regimes totalitários empreenderam pesquisas em matéria de Guerra Biológica. Um inimigo sem escrúpulos poderia disseminar agentes bacterianos para destruir colheitas ou rebanhos ou propagar terríveis epidemias.

Em estreita colaboração com diversos organismos militares e civis, os veterinários militares especializados em Microbiologia tomaram como principal objetivo o estabelecimento de processos de reconhecimento rápido dum ataque bacteriológico e de meios de proteção ou de luta contra seus efeitos. No serviço de radiobiologia do CIPV os veterinários aprendem a manipular os rádio-elementos. Em caso de ataque nuclear, a ação desses rádio-elementos sobre os organismos vivos deve ser conhecida para que os mesmos dela possam ser protegidos. Nessa hipótese se colocaria igualmente o problema da proteção ou da descontaminação dos alimentos. Os veterinários deles se ocupam em primeiro plano, mas seu trabalho não se limita a isso; em ligação com a delegação ministerial para o armamento e os centros de pesquisa do Serviço de Saúde estudam, de um modo geral, como proteger as pessoas e eventualmente os animais. Arma de dois gumes, os rádio-elementos não têm apenas uma ação destruidora. São suscetíveis de aplicação úteis no domínio da clínica (radioterapia), da Fisiologia, e da conservação dos alimentos pela irradiação. Esse processo já é empregado em alguns países para diversos

produtos; batatas, peixes... na França essas técnicas estão estabelecidas e poderiam eventualmente ser postas em execução.

As pesquisas fisiológicas são dirigidas essencialmente para as faculdades sensoriais do cão, notadamente o olfato e a audição. O animal, como seu condutor, é sempre suscetível de falhas. Se fôsse possível, conhecer, de modo preciso, o complexo mecanismo do reconhecimento das minas ou do levantamento de pistas, poder-se-iam criar aparelhos que os substituíssem com mais segurança. O estudo dos aparelhos sensoriais de animais tem sido, em muitos casos, a base de realizações técnicas do mais alto interesse.

"No que se refere ao cão — disse-nos o veterinário biologista Capitão Coll, a criação de tais aparelhos seria evidentemente um grande progresso, porém, honestamente, não creio nisso para amanhã. O cão é um mecanismo tão maravilhoso que estamos longe de reproduzi-lo artificialmente". Na realidade desconfio que o Capitão Coll teme um pouco tal descoberta: ele gosta demais dos cães para desejar que um aparelho os venha substituir algum dia!

Nenhum setor escapa ao desenvolvimento da Ciência. Um Exército moderno é o que o compreende e evolui em consequência disso. O Corpo de Veterinários Biologistas nos dá exemplo dessa evolução. Sem nada abandonar das tradições do passado, soube transformar-se e tornar-se um elemento importante da defesa e da economia do País.

LIGEIRO HISTÓRICO DA VETERINARIA MILITAR FRANCESA

Foi em 1769 — portanto há pouco mais de duzentos anos — que apareceram os primeiros veterinários militares. Antes dessa data os cavalos do Exército eram tratados pelos mestres-ferradores sob a direção dos oficiais. A Escola de Veterinária de Lyon tinha sido criada em 1762 e a de Alfort em 1765. A partir de 1769 os Regimentos de Cavalaria receberam ordem de enviar para Alfort um cavaleiro "para aí ser instruído em arte veterinária e, em seguida, exercê-la na unidade, com a graduação de mestre de cavalaria". Em 1794 um decreto lhes deu o título de "Artistas Veterinários" e os assimilou aos chefes de cavalaria.

A primeira verdadeira organização do Serviço de Veterinária se fez em 1813, pelo decreto de Moscou que organizou sua hierarquia criando os Inspectores Veterinários e três classes de Veterinários nos corpos de tropa. Em 1843, o Marechal Soult, que os apreciava particularmente, juntou um escalão à sua hierarquia. Finalmente, sob a influência do Marechal Rondon, Ministro da Guerra e depois do Marechal de Saint Arnaud, seu sucessor, o decreto de 28 de janeiro de 1852 conferiu aos veterinários o status de oficiais.

Sob a 3.^a República, uma lei de 1875 introduziu o Serviço de Veterinária entre os órgãos constitutivos do Exército e criou o Pôsto de Veterinário Principal de 1.^a Classe (Tenente-Coronel). Em 1902 apareceram os primeiros coronéis veterinários e, finalmente, a lei de 13 de junho de 1913 incluiu um Inspetor Veterinário com o pôsto de General-de-Brigada.

Recrutados tradicionalmente na Cavalaria, os Veterinários militares passaram a ser formados, a partir de 1854, na Escola de aplicação da cavalaria e trem, em Saumur. Subordinados ao Serviço de Saúde, em 1944, passaram então a ser vinculados à Seção de Veterinária do Serviço de Saúde em Lyon e cumpriam seu estágio de aplicação no Centro de Instrução do Serviço de Veterinária do Exército em Compiègne. A união das duas medicinas, a dos homens e a dos animais, deveria durar mais de dezessis anos. Em 1961 considerou-se que as missões dos veterinários militares eram suficientemente específicas e importantes para motivar sua autonomia técnica; um decreto criou, então, o "Serviço Biológico e Veterinário das Forças Armadas", transformado em 1967, no "Corpo de Veterinários Biologistas das Forças Armadas".

